

A GARRA E A FORÇA – CATIMBENTA – DE QUEM SABE E CONHECE OS MOTIVADORES PARA FUTEBOLIZAR AS RUAS E TRAZER AS MULHERES PARA O CENTRO DAS DISCUSSÕES, por Alexandre Mate¹.

Em determinado momento de sua carreira, o poeta-musicista Gilberto Gil escreveu a interessantíssima *Aqui É o País do Futebol*, em cujos dois primeiros versos constam: “Brasil está vazio na tarde de domingo, né?! Olha o sambão aqui é o país do futebol [...]”. Fundamentado na realidade brasileira, o poeta baiano, a partir de gingada composição, conseguiu expressar o gosto coletivo e o vazio nos espaços públicos (à exceção dos bares, com televisão, nos quais os torcedores poderiam se reunir). O fato real é que, em tais ocasiões, os espaços públicos se esvaziam, mas pode-se ouvir, de dentro das casas, toda sorte de gritos e gemidos por parte de quem torce, vibra e sofre...

Domingo à tarde, com variação próxima aos 30°, em declive pronunciado, bem no centro da Comunidade de Heliópolis, encontra-se a rua dos Esportes. Um pouco antes de chegar ao local indicado, três grandes viaturas da Polícia, impediam o tráfego. Vencido os três amedrontadores obstáculos, bem no meio da rua, encontramos o lugar definido para apresentação de *Catimba, a Reviravolta do Glorioso Grêmio Recreativo de Pirapora da Vila Pauliceia e Seu Elenco Incomum*, criado e apresentado pela 2 Mililitros Cia Teatral, de São Paulo. O nome incomum da obra tematiza o futebol.

Na questão central da obra, encontra-se um dilema: o Grêmio Recreativo de Pirapora, depois de perder seu principal craque, por contusão, deverá substituí-lo. Em tese duas pessoas poderão substituir o craque: Mosquito, que nada entende de futebol e gosta apenas de jogar dama, com seu avô e Leona, verdadeira craque da bola. A deliberação pelo óbvio esbarra nos estatutos machistas e conservadores do Grêmio Recreativo. Mosquito, ao participar do campeonato, marca gols contra, até com as mãos... Para resolver a contenda, depois de acaloradas discussões, o coletivo convoca a torcida para deliberar. Na consulta vence Ramona.

¹ Nascido em Vila Anastácio (bairro operário da Zona Oeste da cidade de São Paulo); Mestre em Teatro e doutor em História Social (ambas as formações) pela USP; professor do programa de pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp; pesquisador e autor de textos sobre as práxis teatrais.

Em tese, a síntese poderia apresentar, classicamente, a trajetória de uma heroína. Entretanto, ainda que o texto, em determinados momentos seja excessivo, Fernanda Gama criou uma dramaturgia excepcional. Na criação de Fernanda, distintos assuntos confluem para manifestar, de modo contundente, diferentes e articulados preconceitos e impeditivos de um viver digno, sendo, o mais contundente deles, o e estrutural antifeminismo! Por meio de tal chave simbólica, a obra, que atende a todas as faixas etárias, alegoriza uma questão fundamental de ser discutida.

A partir de tal texto, Thiane Lavrador, provavelmente, por meio de processo colaborativo, monta um belíssimo espetáculo. Em sua criação, o ritmo do eletrizante esporte tomado como tema, manifesta-se na totalidade do tempo da obra. Verdade que o elenco é muito bom e harmonioso (com destaque à dupla que vive Mosquito e Leona, ufa!), mas o resultado, realmente emociona: por suas chaves e expedientes criativos; pela dinâmica e ritmo espetacular; pela musicalidade (cuja direção é de Lucas F. Paiva); pelos figurinos (Karine Lopes); pela criação cenográfica (Marília Scarabello)... enfim, por obra harmônica e com apreensão do processo dialógico em sua criação.

No mencionado domingo, dia 1º de setembro (e voltando ao começo), era dia de uma disputa futebolística, em que os adversários eram, simplesmente, o Corinthians e o Flamengo. Além dos tradicionais ruídos e barulhos da rua pulsando: crianças a brincar; moradores a conversar, animadamente, colando suas vidas em dia; homens a torcer em um bar (onde o espetáculo foi apresentado); os “inspetores do tráfico”, em suas motos ruidosas; pessoas que iam se achegando, depois de o espetáculo já ter começado e a perguntar do que se tratava... o quarteto da cena venceu todas as dificuldades! Em alguns momentos, tendo em vista o não uso do microfone, se perdia muita coisa, mas os corpos dançantes e disponíveis, preenchiam algumas lacunas na escuta.

Na 6ª edição da “Mostra de Teatro Heliópolis: a Periferia em Cena”, a produção pensou e programou aquele lugar, possivelmente com certeza de que aquele coletivo e obra venceriam as dificuldades reais. Realmente, foi um presente para aquela comunidade que vive apinhada, em casas a desafiar todas as leis da gravidade, sempre ameaçada... mas que sonha e gosta de obras belas...

Algumas obras de referência no teatro brasileiro tematizaram o futebol, com destaque à primorosa *Chapetuba Futebol Clube*, do genial Oduvaldo Vianna Filho, mas, e saúdo emocionadamente a 2 Mililitros pela bela e

comovente obra. De fato, não se fazem rodas de conversa nos espetáculos de rua (tudo precisa ser desmontado com pressa para liberar o espaço público), mas, pela qualidade dos entusiasmados aplausos, consigo imaginar os elogios que viriam...